



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

DIANA JIOVANA DE AZEVEDO PEREIRA

**SENSIBILIDADE E BRUTALIDADE EM TORNO DA PERSONAGEM EDGAR
WILSON EM *DE GADOS E HOMENS*, DE ANA PAULA MAIA**

**PATU - RN
2025**

DIANA JIOVANA DE AZEVEDO PEREIRA

**SENSIBILIDADE E BRUTALIDADE EM TORNO DA PERSONAGEM EDGAR
WILSON EM *DE GADOS E HOMENS*, DE ANA PAULA MAIA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito de avaliação
da disciplina TCC II, ministrada pela
Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti, do Curso
de Letras, no *Campus* Avançado de Patu
– CAP, da Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte – UERN.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Lailsa
Ribeiro Pinto

Linha de pesquisa: Literatura, memória e
cultura

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

P436s Pereira, Diana Jiovana de Azevedo
 Sensibilidade e brutalidade em torno da personagem
 Edgar Wilson em De gados e homens, de Ana Paula Maia. /
 Diana Jiovana de Azevedo Pereira. - Patu/RN, 2025.
 21p.

Orientador(a): Profa. Dra. Francisca Laila Ribeiro
Pinto.

Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação
em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Sensibilidade; brutalidade; Edgar Wilson; Ana Paula
Maia.. I. Pinto, Francisca Laila Ribeiro. II. Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

DIANA JIOVANA DE AZEVEDO PEREIRA

**SENSIBILIDADE E BRUTALIDADE EM TORNO DA PERSONAGEM EDGAR
WILSON EM *DE GADOS E HOMENS*, DE ANA PAULA MAIA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado como requisito de avaliação
da disciplina TCC II, ministrada pela Profa.
Dra. Aline Almeida Inhoti, do Curso de
Letras, no *Campus* Avançado de Patu –
CAP, da Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte – UERN.

Aprovado em: 25 / 11/ 2025.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente



FRANCISCA LAILSA RIBEIRO PINTO

Data: 03/12/2025 09:34:48-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO

Data: 04/12/2025 10:59:09-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Annie Tarsis Moraes Figueiredo
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



JOSE ROMERITO FRANÇA COSTA

Data: 03/12/2025 18:36:57-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. José Romerito França Costa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

SENSIBILIDADE E BRUTALIDADE EM TORNO DA PERSONAGEM EDGAR WILSON EM *DE GADOS E HOMENS*, DE ANA PAULA MAIA

Diana Jiovana de Azevedo Pereira¹
Francisca Lailsa Ribeiro Pinto (Orientadora)²

RESUMO

Este trabalho propôs-se a analisar como a sensibilidade e a brutalidade aparecem na construção da personagem Edgar Wilson, no romance *De gados e homens*, de Ana Paula Maia. A pesquisa buscou compreender de que forma o personagem, mesmo vivendo em um ambiente marcado pela violência e pela morte, demonstra atitudes de cuidado, empatia e reflexão. Assim, procurou-se mostrar um homem capaz de sentir e pensar, mesmo cercado pela brutalidade do mundo em que vive. O estudo está inserido no campo da literatura e foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, baseada na leitura e interpretação da obra. Como principais referências teóricas, foram utilizados Maciel (2008, 2021, 2023), que discute as relações entre o humano e o não humano e a presença da animalidade na literatura; e Vigarello (2016), que trata das expressões da sensibilidade ao longo da história. A análise mostrou que, apesar do contexto de violência e desumanização, Edgar Wilson mantém gestos de sensibilidade e consciência, revelando uma humanidade que resiste à brutalidade ao seu redor. Dessa forma, o estudo propõe uma reflexão sobre o que significa ser humano diante da dor, da morte e da perda de sensibilidade no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: sensibilidade; brutalidade; Edgar Wilson; animalidade; Ana Paula Maia.

ABSTRACT

This work aimed to analyze how sensitivity and brutality appear in the construction of the character Edgar Wilson, in the novel "De gados e homens" (in English: "Of Cattle and Men"), by Ana Paula Maia. The research sought to understand how the character, even living in an environment marked by violence and death, demonstrates attitudes of care, empathy, and reflection. Thus, it sought to show how a man capable of feeling and thinking, even surrounded by the brutality of the world in which he lives. The study is situated within the field of literature and was developed from a qualitative and bibliographical approach, based on the reading and interpretation of the novel. The main theoretical references used were Maciel (2008, 2021, 2023), who discusses the relationships between the human and the non-human and the presence of animality in literature, and Vigarello (2016), that deals

¹ Graduanda em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Email: dianajiovana@alu.uern.br

² Orientadora, professora doutora no Departamento de Letras Vernáculas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Email: franciscalailsa@uern.br

with expressions of sensitivity throughout history. The analysis showed that, despite the context of violence and dehumanization, Edgar Wilson maintains gestures of sensitivity and awareness, revealing a humanity that resists the brutality around him. Thus, the study proposes a reflection on what it means to be human in the face of pain, death, and loss of sensitivity in the contemporary world.

Keywords: sensitivity; brutality; Edgar Wilson; animality; Ana Paula Maia.

1 INTRODUÇÃO

No território literário, a violência é frequentemente retratada para expor as falhas sociais e provocar reflexão, mas é a sensibilidade, a humanidade e a empatia que emergem como contrapontos essenciais, explorados através de personagens e narrativas que mergulham nas profundezas da emoção humana. Ao comparar a violência com a habilidade de se relacionar e entender o próximo, a literatura incentiva a desenvolver essas características, atuando como um reflexo para virtudes e incentivando a compaixão em um mundo que, por vezes, mostra-se desumanizador.

Esta pesquisa visa analisar a sensibilidade e a brutalidade no personagem Edgar Wilson, no romance *De gados e Homens*, publicado em 2013, por Ana Paula Maia que, além de escritora, é considerada uma grande roteirista. Diante disso, o texto literário proposto apresenta elementos próximo ao roteiro cinematográfico por trazer frases rápidas e do cotidiano das personagens, e por estas serem construídas com o olhar impiedoso e ao mesmo tempo com sentimentos confusos da experiência humana. Sua escrita direta retrata a violência e os dilemas que marcam a vida e o trabalho de seus personagens, possibilitando várias interpretações ao leitor.

A análise tem como foco as atitudes sensíveis do protagonista Edgar Wilson que, apesar de estar inserido em um contexto de um trabalho desumanizador, produz ações que mostram influências contrárias a este ambiente, por exemplo, o seu ritual como atordoador, a relação humana que se estabelece entre o homem e o animal. O livro explora a complexa relação entre o ser humano e a natureza, enfocando a pecuária como símbolo dessa interação.

A obra discute temas como a dependência e exploração do meio ambiente, na qual o gado reflete relações de poder e dominação. A violência e a exploração são centrais na narrativa, retratando a brutalidade da vida rural e as tensões nas relações interpessoais. Além disso, a autora aborda questões de identidades e pertencimento, mostrando como os personagens buscam seu lugar em um mundo hostil.

O protagonista da obra, Edgar Wilson, é um atordoador de animais que trabalha em um matadouro, uma função que exige não apenas habilidades técnicas, mas também uma resistência emocional significativa. Seu papel é garantir que os animais sejam mortos de maneira rápida e sem dor, mas isso o coloca em contato constante com a brutalidade da morte. A rotina diária dele no matadouro reflete as realidades difíceis da indústria da carne, em que a vida dos animais é habitualmente desvalorizada em prol do lucro.

O seu trabalho gera um intenso conflito interno, pois se vê lutando entre a necessidade de sobreviver e as implicações éticas de sua profissão. Questiona sua própria humanidade em um sistema que desumaniza tanto os animais quanto os trabalhadores. Esse dilema moral o leva a refletir sobre o significado de sua

essência e a natureza das relações de poder que permeiam o ambiente do matadouro, criando uma narrativa rica em complexidade e profundidade emocional.

A hipótese central deste estudo é a de que Edgar Wilson, apesar de passar por experiências violentas e de natureza desumanizadora por causa da crueldade em abater animais para consumo desenfreado, é uma pessoa que apresenta momentos de empatia com a morte dos não-humanos. Essa dualidade revela-se em suas interações com os animais que cuida, nas quais sua sensibilidade se destaca como um ato de resistência contra a brutalidade do ambiente em que opera.

A presente pesquisa justifica-se [1] por um interesse pessoal na temática que envolve as tensões entre vida e morte, questões psicológicas e a animalidade do ser humano. No âmbito social, [2] a análise da sensibilidade de Edgar Wilson ganha relevância ao desafiar estereótipos associados aos trabalhadores de ambientes brutais, como o matadouro. Frequentemente percebido como insensível e desprovido de emoções, o personagem representa uma camada da sociedade marginalizada e invisibilizada. Do ponto de vista acadêmico, [3] a pesquisa busca preencher algumas das lacunas ainda presente nos estudos literários: a escassez de trabalhos que se debruçam sobre as emoções e a sensibilidade com profundidade, superando leituras engessadas ou excessivamente teóricas.

Dessa forma, o tema referenciado tem como objetivo analisar a relação da sensibilidade do protagonista Edgar Wilson em contraste com a brutalidade esperada para um atordoador de animais na obra *De gados e homens*. Examina-se como essa sensibilidade se manifesta em suas interações com outros personagens e como influencia suas decisões e ações dentro do contexto de trabalho em condições desumanas. A pesquisa explora as implicações dessa dualidade, discutindo como as emoções são moldadas por meio do entorno e das funções que exerce no seu ambiente de trabalho. É também uma crítica à busca por recuperar o sentir humano de forma que não apenas o define como indivíduo, mas também serve como uma crítica à desumanização presente nas relações sociais da época.

A relevância deste estudo reside na profunda importância de analisar os sentimentos, ações e manipulações que um ambiente pode gerar em um personagem totalmente inserido nele. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e interpretativa, com uma abordagem analítica que busca compreender como a sensibilidade do personagem Edgar Wilson, protagonista da obra *De Gados e Homens*, de Ana Paula Maia (2013), contrapõe-se ao que é esperado em suas vivências no contexto de um matadouro. Para tanto, utiliza-se como base teórica os autores Abib (2010); Maciel (2008, 2021, 2023); Maia, (2013). Complementamos nossa base com estudos sobre metodologia de pesquisa em literatura com Durão (2015), Gil (2002) e Pinheiro (2011). A abordagem qualitativa é, portanto, a mais apropriada, pois visa analisar de forma interpretativa as experiências subjetivas da personagem, valorizando as dimensões simbólicas, emocionais e éticas presentes na narrativa.

Este trabalho se insere no campo da literatura, assim, foram utilizadas como principais referências teóricas: obras que exploram a crítica sobre sensibilidade, felicidade e cultura com Abib (2010); as animalidades, zooliteratura e os limites do humano com Maciel (2023); e as relações entre o humano e o não-humano com Maia (2013). A pesquisa se divide em quatro partes: introdução, um capítulo teórico-crítico sobre sensibilidade e brutalismo na literatura, outro capítulo analítico que examina trechos do romance, focando na sensibilidade de Edgar Wilson com os animais e seu conflito com a crueldade e as considerações finais.

Nesse sentido, a obra *De Gados e Homem*, de Ana Paula Maia (2013), ilustra como a empatia pode emergir mesmo em cenários de intensa violência, desafiando a noção de desumanização. Este estudo apresenta questões que provoca ao leitor reflexões sobre as complexas relações que estabelecemos com os animais e como essas interações moldam nossa própria humanidade.

2 LITERATURA E BRUTALIDADE: OS LIMITES DA SUBJETIVIDADE HUMANA DE EDGAR WILSON

Ao pensar no campo literário pode-se imaginar algo bastante diversificado que pode abranger inúmeras temáticas. Uma delas é a relação humana com a brutalidade que existe em si, no outro e no contexto social no qual se vive. Dessa forma, é possível perceber também que para uma boa construção de uma obra é necessário que o/a autor/a tenha como ponto inicial a paixão e uma forte necessidade de narrar algo, mesmo diante das várias problemáticas acerca da pauta em discussão Bosi (1974).

Essa noção de literatura brutalista defendida por Bosi (1974) tem estágio no naturalismo brasileiro, com as influências de Zola e seu romance experimental (1880) que, tem como objetivo fazer a substituição do homem metafísico por um homem natural, cujas atitudes e modos de agir são influenciados pelo contexto sociocultural, pela transmissão hereditária e pelos fundamentos físico-químicos. Uma das características da escrita contemporânea é a relação direta com fatos reais, banalizados ou vivenciados pela sociedade, de maneira que transforma a realidade em ficção, trazendo críticas e denúncias em forma de arte. Dessa forma, a literatura tem o poder de converter, recriar uma narrativa revelando um lado que geralmente passa despercebido em uma força reflexiva, profunda e impactante.

Ana Paula Maia constrói sua narrativa de forma intensa e sensorial, mergulhando o leitor no ambiente hostil em que Edgar Wilson vive. O espaço físico é descrito com riqueza de detalhes que apelam aos sentidos, a descrição sobre o cheiro de sangue e vísceras, o chão escorregadio, o barulho das máquinas e dos animais, tudo para criar uma atmosfera sufocante e opressora. Os colegas de Edgar aparecem como figuras marcadas pela desumanização, expressa em gestos bruscos, olhares vazios e uma indiferença quase automática diante do sofrimento animal, reflexo de um sistema que os molda para a insensibilidade.

Outro aspecto central é o uso mínimo da fala: os diálogos são secos, objetivos, e a comunicação se realiza principalmente pelos gestos. O modo como Edgar segura uma faca, observa os animais antes do abate, ou faz o sinal da cruz revela muito mais sobre seus conflitos internos do que palavras poderiam expressar. Assim, a sensibilidade do personagem se manifesta como uma resistência silenciosa em meio ao contexto de seu trabalho.

O romance de Ana Paula Maia explora vários aspectos da sociedade como: a violência do abate dos animais, a condição humana diante da industrialização, trazendo várias críticas sociais mostrando a realidade de trabalhos muitas vezes invisibilizados. Em nosso foco de análise, busca-se evidenciar como o personagem Edgar Wilson apresenta a complexidade humana sendo um atordoado de animais em um matadouro. Mesmo em um ambiente rústico é possível perceber seus gestos de cuidado com o animal antes do momento do abatimento, pois ele geralmente cicia e toca a testa do boi para acalmá-lo. A representação da violência é quebrada com o olhar de complacência com o animal, refletindo a ideia de que quem exerce essa profissão é insensível ou sem sentimentos. Dessa forma, a obra nos faz

perceber como o ser humano é exposto a trabalhos que o desumaniza por causa das práticas de violência imposta.

A obra é dividida em onze capítulos e protagonizada pela história de vida do ex-carvoreiro, Edgar Wilson no “matadouro Touro do Milo”. O protagonista é descrito como um homem simples, respeitoso, introspectivo e contido. Ele se relaciona com outros personagens em situações de ajuda, mas também de conflito, quase sempre causados pela violência e descaso no tratamento dos animais durante o abate. Segundo Franco Junior (2019), o personagem principal é aquele que tem o maior peso no enredo, sem o qual a trama não se sustenta, sendo responsável por movimentar os acontecimentos mais importantes.

O nome do protagonista Edgar Wilson, em *De gados e homens*, articula referências intertextuais e sentidos etimológicos que enriquecem sua construção simbólica. O prenome “Edgar” remete diretamente a Edgar Allan Poe, escritor conhecido por explorar a mente humana em suas zonas mais sombrias, revelando obsessões, medos e rupturas psicológicas, aspectos que dialogam com a interioridade silenciosa do personagem de Maia. Por sua vez, “Wilson” alude ao conto “William Wilson”, de Poe, cuja trama gira em torno de um duplo que persegue o protagonista como um espelho moral, expondo sua consciência dividida e seus conflitos éticos. A isso se somam os significados originais dos nomes: “Edgar”, do inglês antigo, quer dizer “lança próspera” ou “protetor”, enquanto “Wilson” significa “filho de William”, vinculado às ideias de vontade, defesa e firmeza. Desse modo, o próprio nome “Edgar Wilson” reforça essa dimensão protetiva do personagem, sugerindo que, mesmo inserido na rotina de abate, ele atua como uma espécie de guardião silencioso dos animais, preservando uma sensibilidade que o distingue dos demais.

É um personagem dividido entre a afeição e a preocupação com o abate dos animais, bem como pelo companheirismo entre os colegas de trabalho em um ambiente bruto. Certo dia, precisa se afastar por algumas horas do serviço para cumprir um mandado do patrão seu Milo, sendo substituído por Zeca. Embora não concorde com isso, explica ao colega do setor da triparia o ritual de abate do boi, como se tentasse transmitir uma espécie de respeito pela vida do animal. No entanto, Zeca ignora suas orientações e realiza o abate com descaso. Diante dessa situação, o narrador descreve: “Zeca é um garoto de dezoito anos, perturbado. Gosta de ver o animal sofrer. Gosta de matar. Se prepara para a tarefa quando Edgar entra no box e o adverte: — Zeca, coloca o boi pra dormir, entendeu? Não deixa o bicho sofrer” (Maia, 2013, p. 11). Dessa forma, a atitude de Zeca reforça a tensão entre a violência do abate e a postura ética que Edgar tenta preservar.

Ao retornar ao abatedouro, Edgar encontra um cenário aterrorizante, marcado por restos de crânios espalhados, sangue e um silêncio que revela a dor e o sofrimento dos animais. Diante da indiferença e da brutalidade que o cercam, é tomado por raiva e revolta. Num ato premeditado, reage com a mesma violência e mata Zeca de forma rápida e precisa, como se realizasse mais um abate. Ainda assim, mantém o mesmo cuidado que tinha com os animais, realizando o ritual de atordoamento com o corpo do colega, gesto que transforma a execução em uma resposta simbólica ao desprezo e à perda de humanidade que testemunhara.

A complexidade emocional de Edgar o caracteriza como uma personagem redonda, nos termos de Franco Junior (2019), por revelar contradições e profundidade psicológica. Sua conduta transita entre a sensibilidade e a brutalidade, evidenciando tensões internas que o afastam do estereótipo do trabalhador insensível. Dito isso, suas ações e sentimentos expressam o conflito entre o humano

e o desumano, entre o cuidado e a violência, o que o torna uma figura marcada por densidade e ambiguidade moral. No romance observamos a descrição de Maia:

No boxe de atordoamento repara na quantidade excessiva de sangue e em pedaços de crânio esfacelado. É hora do canto das cigarras. A noite se aproxima, envolvendo o firmamento e engolindo o crepúsculo. Algumas estrelas já apareceram. Edgar Wilson entra no banheiro do alojamento. Espera que reste apenas o Zeca no banho. Com a marreta, sua ferramenta de trabalho, acerta precisamente a fronte do rapaz, que cai no chão em espasmos violentos e geme baixinho. Edgar Wilson faz o sinal da cruz antes de suspender o corpo morto de Zeca e o enrolar num cobertor. Nenhuma gota de sangue foi derramada. No fundo do rio, com restos de sangue e vísceras de gado, é onde deixa o corpo de Zeca, que, com o fluxo das águas, assim como o rio, também seguirá para o mar (Maia, 2013, p. 20).

Embora o ato seja extremamente brutal, tirar a vida de outro ser humano, este surge como consequência da indignação moral de Edgar. Ele havia ensinado Zeca a realizar o ritual do atordoamento com cuidado, mas o colega de trabalho ignorou essas orientações, tratando os animais de forma descuidada e violenta. Na percepção do protagonista, a raiva é justificada diante da falta que se alia à sua própria sensibilidade pelos animais, transformando o assassinato em uma espécie de resposta ética. Como observa Vigarello (2016) “o corpo é sempre um ‘alhures’ mantido a uma insuperável distância. A interioridade física quase não é interrogada, salvo alguns sofrimentos ressentidos. Posturas que acabam relegando ao silêncio um vasto campo sensorial” (Vigarello, 2016, p. 68). Essa perspectiva permite compreender que a violência de Edgar não é mero instinto, mas um gesto regulado pela consciência corporal e pela sensibilidade ética. Mesmo em um gesto cruel, há uma lógica interna de justiça, na qual ética, técnica e empatia coexistem.

A rotina pesada e difícil mostra como esse trabalho é duro, mas necessário para a sua sobrevivência, e de alguém que se alimenta de carne, ao mesmo tempo em que faz o leitor refletir sobre a profissão marginalizada e sobre as questões éticas e sociais ligadas ao consumo de carne. Pádua Bosi (2014) descreve historicamente sobre o processo da produção de carne, o trabalho nos açougues era bem violento e feito de qualquer jeito. Desde o início do abatedouro, os profissionais derrubavam o animal com machado e davam vários golpes até ele morrer, um processo demorado, pesado e sofrido para o bicho e para quem trabalhava. Nessas condições, os ajudantes e trabalhadores mais novos faziam as tarefas mais difíceis e menos importantes, como segurar o gado, tirar o sangue e limpar os corpos dos animais, enquanto o “mestre açougueiro” tinha o privilégio de fazer o corte final e assim ficar com todo o mérito do processo.

No romance, a cena de preparo dos atordoadores mostra a mudança desse método antigo para uma prática mais especializada e com máquinas. O uso de equipamentos de segurança (macacão, luvas, óculos de esqui) por alguns trabalhadores, além da instrução para que o golpe com a marreta seja rápido e certo mostram a tentativa de fazer o abate ser um processo mais eficiente e profissional. Assim, a literatura de Maia (2013) conversa com o contexto histórico ao mostrar como os atordoadores nos frigoríficos atuais ganham um papel importante que antes era dos ajudantes e trabalhadores mais novos, marcando a passagem da violência bruta do passado para a organização industrial do presente também violento, mas higienizado.

A literatura brasileira contemporânea tem abordado com frequência temáticas relacionadas à brutalidade, tanto nas relações humanas quanto na interação com a

natureza. Diversos escritores e escritoras, ao longo do tempo, retrataram a violência, a exploração e as adversidades do cotidiano. Ana Paula Maia, por exemplo, evidencia aspectos sociais, históricos, psicológicos e existenciais ao dar voz ao sofrimento de pessoas e animais, revelando as contradições de uma sociedade em permanente conflito, que insiste em marginalizar determinados sujeitos. Rubem Fonseca, em *Feliz Ano Novo* (1975), Clarice Lispector, em *A hora da estrela* (1977), e Patrícia Melo, em *O matador* (1995), também abordam essas problemáticas, obras que figuram apenas entre as muitas que ambos escreveram e que tematizam, de diferentes maneiras, a brutalidade e suas implicações.

Nesse cenário, o romance em análise apresenta cenas fortes relacionadas ao consumo de carne, fazendo com que o ato de comer se torne parte essencial da narrativa, repleto de questionamentos e significados. Em determinados momentos, a autora detalha que o manejo dos animais antes do abate influencia diretamente na qualidade final dos hambúrgueres: “se o animal sentir medo, o nível de pH no sangue é elevado, o que deixa a carne com um gosto ruim. Alguns abatedores não se importam” (Maia, 2013, p. 12). Assim, o trecho remete não apenas ao aspecto físico, mas também à responsabilidade moral envolvida nesse processo. Essas descrições não são por acaso, elas servem para pensar sobre como o ser humano se relaciona com a natureza, como a vida dos animais se tornou algo a ser vendido e como o simples ato de comer carne pode ser visto de outra forma. Assim:

Tal suposição (ou tese) traz à luz os equívocos de uma certa, filosofia que, sob a égide exclusiva do logos e a partir da relação opositiva entre o humano e o inumano, se empenhou em converter o animal (tomado como conceito genérico) em teorema, em categoria abstrata (Maciel, 2021, p. 99).

De acordo com Maciel (2021), a maneira como a filosofia tradicional vê a relação entre humanos e animais mostra que muitas vezes ignora a diversidade e a complexidade da vida animal, reduzindo tudo a ideias simples que não refletem a realidade. Ao focar apenas na razão e na lógica, cria uma separação rígida entre humanos e não-humanos. Essa divisão não só desconsidera os animais como seres com suas próprias experiências, mas também esconde as conexões emocionais que temos com eles.

Candido (1993) analisa *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo (1890), destacando como este romance associa o homem ao animal, sobretudo por meio da degradação provocada pelas condições de vida e trabalho. O texto literário retrata o trabalho braçal como sujo, desvalorizado e alienante, expondo a brutalidade da luta pela sobrevivência em um ambiente opressor. Observa, ainda, como essas condições desumanizam os personagens, o que pode ser visualizado também na figura de Emetério, na literatura de Maia, cuja função na pedreira é vigiar e fiscalizar os operários, atuando como um elo entre os patrões e os trabalhadores. Ele não produz, mas impõe a disciplina e a lógica da exploração, sendo representado quase como uma máquina, desprovido de identidade e sensibilidade. Sua imagem encarna a alienação do trabalho, mostrando como até mesmo aqueles que exercem algum poder dentro da hierarquia operária também são vítimas do sistema, reforçando a crítica social presente na narrativa naturalista que, é um tipo de literatura que mostra a realidade de forma bem objetiva, vendo a pessoa como fruto do lugar onde vive e da sua própria biologia. Ela destaca instintos, problemas do dia a dia e influências do ambiente para explicar o comportamento humano.

Maciel (2021) e Candido (1993) nos fazem refletir como a ficção se torna uma representação da realidade, revelando a brutalidade e as complexas relações entre humanos e animais. E convidando a repensar a posição desses seres em nossa sociedade, responsabilizando os escritores da atualidade por repensar essas questões e levar em consideração toda a problemática acerca desses personagens descritos que não podem ser enquadrados em apenas um campo do conhecimento.

A narrativa evidencia a brutalidade presente na rotina de trabalho em um matadouro, ambiente em que o lucro se sobrepõe às condições oferecidas tanto aos trabalhadores quanto aos animais destinados ao abate. Edgar Wilson vive a dureza do matadouro e da solidão, revelando, aos poucos, sua sensibilidade diante da violência. Essa perspectiva é revelada de maneira contundente. No escrito abaixo:

O preço de um hambúrguer equivale a dez vacas abatidas por Edgar, já que recebe centavos por cada animal que derruba. Por dia precisa matar mais de cem vacas e bois e trabalha seis dias na semana, folgando apenas no domingo. A produção no matadouro está se intensificando e será necessário contratar mais um atordoador. Edgar Wilson tem que dirigir por quase uma hora por uma estrada que margeia o rio. É nesse rio que todos os matadouros da região lançam as toneladas de litros de sangue e resíduos de vísceras de gado. O rio corre para o mar, assim como o sangue das bestas do campo (Maia, 2013, p. 12-13).

A rotina dura do personagem reflete a lógica da produção capitalista, que apaga a consciência humana, como aponta Bosi (1974) sobre matar dezenas de animais por centavos, viver na precariedade e poluir o rio. Em outro contexto recebe a visita de estudantes, que vão a aula de campo com intuito de buscar compreender sobre a produção da carne, mostrando o pensamento limitado e julgador por parte dos visitantes: “como é matar boi o dia inteiro? O senhor não acha que isso é assassinato? O senhor não acha que sacrificar esses animais é crime?” (Maia, 2013, p. 67). A cena problematiza a falta de reflexão ética e mostra como a educação humana é essencial para trazer discussões sobre como somos reflexos dessa estrutura de exploração do capital e do processo de exploração colonial do Brasil, com a falsa sensação de que vivemos todos em harmonia diante desses processos.

Nesse contexto, a narrativa revela um ambiente de trabalho desolador, marcado por condições precárias. Fica evidente a ausência de suporte psicológico, financeiro e estrutural, impedindo que os empregados desfrutem do mínimo de conforto e qualidade de vida. Além disso, a obra não se preocupa em ocultar o imenso impacto ambiental gerado pela atividade comercial, como fica explicitamente demonstrado na seguinte passagem:

O sangue volta a ser derramado diariamente. Em poucos meses, a produção aumentará de ritmo devido a uma nova fábrica de hambúrguer e outros derivados de carne bovina que está em construção numa área próxima ao matadouro. Dessa forma, Seu Milo finalmente poderá comprar uma nova caminhonete e até mesmo reformar o alojamento, que teve o teto parcialmente danificado durante um temporal e por isso os homens dormem ao relento (Maia, 2013, p. 120-121).

Dentro da ideia de literatura “brutalista” é recorrente a representação do animal como um ser meramente dominado, desprovido de suas particularidades e especificidades. Sua vida é frequentemente ignorada, reduzindo-o a uma ferramenta, um recurso ou um objeto de controle humano, sem qualquer reconhecimento de sua individualidade ou de sua própria existência para além da

utilidade ou subordinação ao homem. Maciel (2008) afirma que a partir do século XX a literatura que envolve essa temática não se limita em apenas retratar o animal, mas sim em questionar as estruturas de poder e dominação, que recaem tanto sobre os seres humanos quanto entre os animais.

Dessa maneira, para Candido (1968), ao observar um texto é possível compreender em um primeiro momento apenas os caracteres escritos, ou seja, aquilo que existe fisicamente. Os demais níveis de significação são construídos pelo leitor por meio do processo de leitura, compreensão e interpretação. Nesse sentido, a literatura de Maia (2013) evidencia essas características de forma bastante explícita: a escolha da categoria narrativa personagem funciona como uma voz capaz de definir e moldar a perspectiva que conduz a história, proporcionando ao leitor inúmeras experiências. Uma vez que esta se transforma em uma voz capaz de alterar a perspectiva da obra a partir da interpretação do leitor, é possível sentir intensamente as experiências narradas e imaginar-se vivenciando aquilo que está sendo escrito na história.

A construção do personagem Edgar Wilson revela o cuidado da autora em planejar cada aspecto de sua formação. É notório os detalhes de sua complexidade emocional, de sua maneira de ser e de agir, tornando-o uma figura complexa que cativa o leitor. Assim como é descrito: “Edgar Wilson mantém seu pensamento fixo na escuridão dos olhos dos ruminantes, esforçando-se para desenhar um leve traço que o intente a desvendá-los. Nem todo o esforço da sua imaginação é capaz de lançar luz nas trevas [...]” (Maia, 2013, p. 16-17). Ele apresenta características naturalistas ao ter seu comportamento determinado pelo meio, pela violência e pelas condições precárias em que vive, lembrando personagens como os de *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. No entanto, Ana Paula Maia vai além do naturalismo estético ao conferir ao personagem uma dimensão subjetiva, revelando conflitos internos e sensibilidade inesperada.

Essa abordagem adiciona um olhar ético e político, problematizando a violência e refletindo sobre a humanidade em meio à brutalidade. Assim, “verifiquemos, inicialmente, que há afinidade e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção, e que as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar um sentimento de verdade que é a verossimilhança” (Candido, 1968, p. 52). Dessa forma, amplia-se o debate sobre a condição humana, revelando como a violência molda e distorce a sensibilidade dos sujeitos.

Na história, o personagem que lida diariamente com a morte de animais ilustra uma tensão relevante: viver em um ambiente inóspito, e ao mesmo tempo revelar uma certa empatia silenciosa pelo outro não humano. O sentir piedade separa da expectativa de insensibilidade que normalmente acompanha sua profissão. A construção desta personagem descreve uma característica do romance moderno que não quer mostrar personagens “rígidos” e “prontos”, mas seres em movimento, cheios de nuances, que dão a impressão de vida real. Dessa forma, “a personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas” (Candido, 1968, p.56). Diante disso, a construção dessas figuras evidencia a complexidade das experiências humanas, sempre atravessadas por conflitos, fragilidades e contradições.

Em diálogo com a teoria de Candido, Franco Junior (2019) argumenta que é possível perceber Edgar Wilson como protagonista da obra, pois sua construção o posiciona como uma personagem redonda, que apresenta múltiplas facetas,

nuances psicológicas e uma capacidade de evolução ao longo da narrativa. Com isso, o personagem, mesmo afetado por sua profissão, rompe com os estereótipos de que é um ser apenas rústico, ligado a um ofício sujo e marginalizado, violento, sem grandes perspectivas de mudanças, sem sentimentos, descrições comumente vinculadas à sua experiência de vida.

Essa profundidade o afasta de representações simplistas, permitindo que o leitor o perceba como uma figura autêntica e multifacetada. O que é evidenciado na cena em que Edgar presencia a morte de um animal de forma expressivamente brutal, e, apesar de estar acostumado com aquele trabalho, sente uma reação interna de choque e angústia, da mesma forma, quando demonstrada sua sensibilidade ao abdicar do consumo da carne, apesar de fazer parte do processo de fabricação. No entanto, certas condições e circunstâncias também representam uma coletividade. Sua condição de homem pobre que trabalha em um matadouro, por exemplo, conecta-o a uma realidade socioeconômica específica, cujas necessidades e desafios o impulsionam, tornando-o um reflexo de uma experiência comum a muitos dentro de um determinado contexto.

Paradoxalmente às condições impostas, Edgar possui respeito e cuidado com animais: a ausência de vida, o alimento para si e para os outros, a presença de excrementos, a violência com o animal e o homem, a falta de lazer, tudo propício para o comportamento violento. Por causa de sua complexidade temos momentos de ruptura do personagem quando subverte o esperado por ele na trama. O tema a ser analisado contrapõe-se a uma visão errônea da sociedade ao mostrar que apesar de viver em um contexto brutal é capaz de olhar no olho de cada animal antes de ser abatido. A imagem do homem é refletida nos olhos do não humano, que se unem e se apiedam um pelo outro, como uma forma de empatia e cuidado com esses seres que a sociedade capitalista vê apenas como mercadoria.

O romance promove reflexões sobre a vida e a morte de gados e de homens, explorando a relação do indivíduo com seu corpo, suas sensações e experiências diante de contextos de violência e brutalidade. A narrativa evidencia como cada personagem se percebe e reage aos limites físicos e existenciais impostos pelo mundo ao seu redor, mostrando que existir é, antes de tudo, viver um estado orgânico marcado por impressões, confusões e efeitos imaginários.

O trabalho pesado, a falta de dinheiro e a solidão vão moldando a vida e a vulnerabilidade de Edgar Wilson. Mesmo diante dessa realidade, existem gestos e sentimentos de compaixão, o que nasce da própria experiência de dor e cansaço, mostrando que, mesmo em meio à brutalidade, ainda é possível se importar e refletir sobre a vida. Diante disso, aprofundaremos essa análise, focando na sensibilidade do protagonista Edgar Wilson e em como esta atua para transformar os estereótipos ligados à sua profissão. Exploraremos de que forma sua complexidade desafia as percepções superficiais, buscando trazer uma visão mais ampla sobre seu ser sensível e as nuances de sua humanidade, que vão além das expectativas iniciais.

3 GESTOS DE SENSIBILIDADE EM MEIO A BRUTALIDADE DE EDGAR WILSON

O personagem Edgar Wilson é construído a partir de uma tensão entre desumanidade e sensibilidade, refletindo sua marginalização social e sua relação íntima com o mundo dos não humanos. A frieza do protagonista se contrapõe à ética estabelecida entre si e o outro. Contudo, os gestos de olhar, benzer e acarinhar o corpo do animal revelam um ritual de respeito com elementos que exploram a sua sensibilidade humana e mostram outra forma de experiência desse universo

masculino. Sua relação com o trabalho, marcada pela força e pela violência, articula a precariedade de sua existência com uma consciência profunda do próprio corpo. Assim, Edgar Wilson expõe as tensões entre a dureza do mundo em que vive e momentos de aproximação afetiva com os animais, evidenciando a complexidade de sua experiência como indivíduo marginalizado.

Ao refletir sobre sensibilidade é possível imaginar, inicialmente, duas vertentes: uma que se refere às sensações físicas e outra que está associada a questões psicológicas relacionadas às emoções, como empatia e compaixão. Esses sentimentos levam a sensibilizar com algo ou alguém em determinadas situações ou contextos. Devido à sua diversidade, a sensibilidade pode ser caracterizada de várias maneiras, o que a faz se camuflar entre outros termos. Segundo Abib (2010): “o conceito de sensibilidade é semanticamente carregado. Pode não parecer, pois, de certo modo, tem saído de cena. Mas isso apenas porque se esconde sob outros processos, sob outros nomes” (Abib, 2010, p. 283). Portanto, a reflexão evidencia como a sensibilidade se manifesta de formas diversas e muitas vezes discretas, mesmo quando encoberta por outras camadas de experiência.

A narrativa se desenvolve em um ambiente isolado e árido, onde funciona um matadouro, espaço que simboliza a desumanização das relações. Edgar Wilson é um homem que vive entre o peso do seu ofício e a tentativa de preservar o que ainda há de humano dentro de si. O cotidiano nesse espaço é duro e repetitivo, marcado pela morte de animais e pela lógica de uma sociedade capitalista que transforma tudo em produção e lucro, apagando o valor da vida e os sentimentos de quem trabalha.

Em meio a esse cenário desumanizador, o protagonista estabelece regras próprias para lidar com os prazos de entrega e as exigências do mercado consumidor. Mesmo cercado pela violência do abate e pela frieza do ambiente, manifesta momentos de introspecção e consciência sobre o que o cerca, evidenciando um esforço contínuo para perceber e compreender seu entorno. O contato com os animais abatidos, muitas vezes de forma cruel, desperta nele um sentimento altruísta, mostrando que, apesar da rotina marcada pelo trabalho e pelo consumo, ainda é capaz de experimentar sensações humanas profundas. Desse modo:

Edgar posiciona-se no boxe e manda que venha o primeiro boi. O animal é conduzido por um curto e estreito corredor que dá no boxe de atordoamento. Os que são mais arredios recebem choques emitidos por um bastão, que os fazem caminhar. Uma janela é aberta e o boi condicionado no estreito espaço não consegue se virar ou recuar (Maia, 2013, p. 42-43).

Essa narrativa reflete uma espécie de automatização de movimentos e certa frieza. O ambiente estreito e apertado simboliza o confinamento e a falta de escolha e liberdade, tanto para o animal quanto para o trabalhador. O gesto de Edgar em “manda que venha o primeiro boi”, revela uma rotina que elimina qualquer traço de empatia. O corpo humano se torna uma extensão da máquina, enquanto o corpo animal é reduzido à matéria-prima, destinada a excessos de carne para a fabricação de hambúrgueres. Dessa forma, faz-se necessário trabalhar por horas para servir a sociedade e o capitalismo, sem considerar o sofrimento do animal ou a ignorância cultural das pessoas que consomem sem refletir sobre esse processo.

O espaço do matadouro funciona como uma metáfora da alienação: a brutalidade externa impõe uma dessensibilização interna. A cena ilustra o início da desumanização, em que o corpo de Edgar obedece às tarefas, mas sua consciência

permanece silenciada. No trecho do romance: “estar diante de bois e vacas pendurados de cabeça para baixo pelas patas traseiras e com os pescoços cortados jorrando litros de sangue em tonéis fétidos, misturado a vômito e outros excrementos, não era o que eles tinham em mente” (Maia, 2013, p. 66). Evidencia o choque entre a percepção humana do horror e a rotina mecanizada que o trabalho impõe.

A experiência de Edgar no matadouro revela também uma forma de subjetividade híbrida. Maciel (2023, p. 43), ao analisar Lestel, observa que mesmo seres submetidos a regras externas mantêm certa agência, exibindo comportamentos complexos e uma atuação dentro de seus grupos. No caso do personagem, embora o trabalho no abate o submeta a um ambiente desumanizante, sua consciência não desaparece. Ele permanece atento, silencioso, testemunhando a violência ao seu redor, o que mostra que seu “eu” continua presente mesmo diante das exigências da heteronomia que, é quando alguém segue regras impostas por outros, e não por si mesmo.

A narração marca um sujeito que tenta sobreviver ao sistema imposto. Na descrição da técnica e dos objetos utilizados para matar o boi observamos a aparente mudança de caráter do personagem. As percepções acerca do sujeito sensível são frequentemente estereotipadas pela sociedade, que atribui essa característica apenas a pessoas delicadas ou que vivem em contextos melancólicos. Por outro lado, indivíduos que enfrentam situações brutais e trabalham em ambientes desumanos são vistos como incapazes de sentir emoções melancólicas, como se já estivessem acostumados com a rudeza da vida e nada mais os atingisse. Além disso, há um preconceito cultural que relaciona a sensibilidade à feminilidade, o que resulta na marginalização do homem sensível. Com isso, suas emoções muitas vezes são ignoradas ou desvalorizadas.

Podemos compreender a construção de seu ser sensível como aquele que utiliza sua percepção e atenção para se colocar no lugar do outro, reconhecendo experiências alheias e respeitando-as, sem que isso represente fraqueza. Sua sensibilidade se manifesta de maneira concreta, mostrando-se não apenas como uma atitude moral, mas como uma forma de engajamento empático com o mundo ao seu redor. Ao lidar com os animais, desenvolve um tipo de conexão que vai além da rotina do trabalho: ele observa seus movimentos, interpreta sinais e ajusta suas ações para minimizar sofrimento. Esse cuidado revela uma consciência ética que permanece ativa mesmo em situações extremas, evidenciando que a sensibilidade pode coexistir com ambientes de heteronomia, violência e com não humanos, funcionando como um elo entre a experiência própria e a experiência do outro. Essa dimensão ética e afetiva é claramente ilustrada no ritual que Edgar realiza com cada boi antes do abate:

Edgar apanha a marreta. O boi caminha até bem perto dele. Edgar olha nos olhos do animal e acaricia a sua fronte. O boi bate uma das patas, abana o rabo e bufa. Edgar cicia e o animal abrandando seus movimentos. Há algo nesse cicio que deixa o gado sonolento, intimamente ligado a Edgar Wilson, e dessa forma estabelecem confiança mútua. Com o polegar lambuzado de cal, faz o sinal da cruz entre os olhos do ruminante e se afasta dois passos para trás. Suspende a marreta e acerta a fronte com precisão, provocando um desmaio causado por uma hemorragia cerebral. O boi caído no chão sofre de breves espasmos até se aquietar. Não haverá sofrimento, ele acredita. Agora o bicho descansa sereno, inconsciente, enquanto é levado para a etapa seguinte por outro funcionário, que o suspenderá de cabeça para baixo e o degolará (Maia, 2013, p. 10).

A cena pode ser lida como uma metáfora de nossa própria sociedade: nós, como o boi, seguimos condicionados por forças maiores, enquanto a marreta representa o peso do capitalismo que nos abate de forma silenciosa e contínua. O ritual de acalmar o animal, antes do golpe final, funciona como a “cenoura” que o sistema coloca diante de nós, pequenas promessas, ilusões de segurança ou bem-estar, para que continuemos caminhando sem perceber o quanto já estamos entregues. Assim, a narrativa expõe a lógica de um mecanismo que anestesia antes de punir, que conforta antes de explorar, mantendo-nos presos a uma estrutura que opera justamente por meio dessa falsa tranquilidade.

Além disso, a narração reforça a consciência ética de Edgar: “o que Edgar Wilson faz é encomendar a alma de cada animal que abate e fazê-lo dormir antes de ser degolado. Não sente orgulho do trabalho que executa, mas se alguém deve fazê-lo que seja ele, que tem piedade dos irracionais” (Maia, 2013, p. 12). Essas atitudes demonstram que, mesmo diante de situações extremas, ele mantém uma subjetividade híbrida, na qual empatia e sensibilidade coexistem com a realidade da heteronomia imposta pelo ambiente.

A técnica usada para executar a tarefa no matadouro provoca-o a fazer silêncio e focar sua atenção no animal. Assim: “seu golpe preciso é um talento raro que carrega em si uma ciência oculta em lidar com os ruminantes”. E acrescenta ainda: “se a pancada na fronte for muito forte, o animal morre e a carne endurece. Se o animal sentir medo, o nível de pH no sangue é elevado, o que deixa a carne com um gosto ruim (Maia, 2013, p. 12). Esse cuidado revela que seu cuidado se expressa na precisão do gesto, procurando minimizar sofrimento e respeitar a vida do animal dentro do contexto do abate. Isso permite compreender sua técnica e consciência ao mesmo tempo que também mantém uma distância crítica lhe permitindo agir eticamente diante da violência necessária do abate. Diante disso:

[...] com as Luzes, pela primeira vez, o indivíduo se experimenta circunscrito ao espaço de seu corpo e tenta evocar diretamente suas consequências: existir seria em primeiro lugar viver um “estado” orgânico, com suas “impressões”, confusões e efeitos imaginários, onde se inscreveria e se viveria a identidade. Trata-se de uma maneira totalmente inédita de designar o indivíduo, de pensar sua existência (Vigarelli, 2016, p. 31).

Edgar Wilson manifesta uma sensibilidade seletiva com os seres humanos que ele considera “bons”, mesmo que esses não proporcionem condições ideais de trabalho ou conforto. No trecho: “Edgar Wilson tem pena do patrão por ser um homem tão aborrecido, de veias saltadas e dentes trincados. Às vezes, Seu Milo respira com dificuldade e suas passadas são vagarosas” (Maia, 2013, p. 28). Observa-se que ele demonstra empatia diante da fragilidade física e do sofrimento do patrão. Apesar de trabalhar em condições precárias, percebe a vulnerabilidade do empregador e sente pena, evidenciando uma atenção afetiva que transcende a mera relação de trabalho.

O personagem chega ao extremo de sua lógica ética ao matar o colega de trabalho Zeca, que havia abatido um boi sem realizar o ritual de atordoamento ensinado para reduzir o sofrimento do animal. Nesse episódio, fica evidente que sua moral está profundamente ligada à proteção da vida não humana, enquanto as regras sociais e jurídicas parecem secundárias e ainda na forma como ele justifica seus crimes: “eu mesmo botei ele lá. Abati e depois joguei ele no rio. [...] Ele maltratava o gado. Não prestava de jeito nenhum. — Isso é crime, Edgar. Você

matou um homem. — Não, Seu Milo. Já matei mais de um. Só quem não prestava” (Maia, 2013, p. 35-36). Nesse diálogo, percebe-se que o protagonista não considera seus homicídios como erros morais, mas como uma forma de justiça própria. Ele distingue entre aqueles que “prestam” e os que “não prestam”, poupando os considerados bons e punindo apenas os maus. Essa seletividade demonstra que sua violência é regulada por um critério moral interno: age segundo sua própria percepção de justiça, que combina punição e proteção, e não segundo normas externas ou leis sociais.

Edgar Wilson se importa muito com o seu trabalho, mesmo que o matadouro seja sujo e cheio de sangue. Enquanto afasta moscas e limpa respingos, pensa nos hambúrgueres e percebe a diferença entre seu lugar e a fábrica: “lá na fábrica de hambúrguer a brancura reflete uma paz que não existe, um clarão que cega a morte. Todos são matadores, cada um de uma espécie, executando sua função na linha de abate” (Maia, 2013, p. 43). Diferente da fábrica, ele mantém atenção e cuidado no que faz, mesmo nas condições mais duras, mostrando que seu trabalho não é apenas mecânico, mas envolve responsabilidade. No romance, a relação do homem com o animal é envolta das singularidades da relação humana. Ele se vê neles e sente o sofrimento deles:

Percebe que Edgar está coberto de fibras, pelos e sangue. — Elas se ajoelham e choram — diz Edgar com a voz baixa, sonolento. — Do que você está falando? — As ovelhas. Elas te olham, se ajoelham e choram antes de morrer. Edgar Wilson dá uma longa tragada no cigarro. Enche os pulmões de fumaça e solta pelo nariz lentamente. — Quase não consegui. Tive que quebrar o pescoço de algumas primeiro, aí eu cobria os olhos delas e as degolava — conclui Edgar (Maia, 2013, p. 92).

Nesses momentos, os animais parecem ganhar voz através de seus gestos e reações, de forma que Edgar consegue perceber a interioridade deles e se conectar emocionalmente, como observa Maciel (2023, p. 38): “[...] os escritores que, cientes da nossa incapacidade de rastrear saberes, sentimentos, pensamentos e percepções desses outros por meios apenas racionais, buscam ocupar, ficcionalmente, a interioridade emocional e mental dos bichos para depois ‘traduzi-la’ em linguagem humana [...]”. Nesse sentido, a afeição de Edgar não depende de palavras, mas dos sinais que os animais transmitem com seus gestos, e é a partir disso que sua emoção se manifesta, mesmo em meio à monotonia do trabalho diário.

A relação de Edgar Wilson com o novo colega de trabalho, Santiago, apresenta-se, de certa forma, como saudável e colaborativa dentro do ambiente hostil do matadouro. Santiago, recém-chegado como novo atordoador, demonstra compreender a sensibilidade de Edgar ao abater os animais, respeitando o ritual de atordoamento que visa reduzir o sofrimento das criaturas. Essa compreensão mútua não apenas facilita a execução das tarefas, e estabelece uma dinâmica de atividades em que os gestos e procedimentos são compartilhados de maneira consciente, mostrando que é possível haver empatia mesmo em um contexto marcado pela violência estrutural.

Além disso, a presença de Santiago se torna necessária devido ao aumento da produção no matadouro, provocado pelo consumo desenfreado de carne e pela instalação da nova fábrica de hambúrgueres na cidade. A relação entre os dois transcende o mero cumprimento das funções laborais, consolidando-se em uma amizade que se manifesta na troca de conhecimentos e na partilha de valores

relacionados ao cuidado com os animais. Ambos compartilham a percepção de que o sofrimento do gado deve ser minimizado e, nesse sentido, a parceria entre Edgar e Santiago se revela um espaço de respeito e sintonia ética dentro de um cenário de trabalho altamente desumanizador, ao contrário do que acontecia com Zeca.

Ao mesmo tempo, Edgar entende que seu trabalho é uma necessidade imposta pelo capitalismo. Ele sabe que precisa trabalhar para sobreviver e que os outros não se importam com o que acontece no processo, apenas com o resultado final:

Jamais tentou cruzar a cidade e ir do outro lado questionar a maneira como preparam os filés que ele jamais comerá. Ele não se importa com isso. Não se importa com quem comerá o boi que abate, importa-se em encomendar a alma de cada ruminante que cruza o seu caminho. Acredita que eles possuem uma e que ele dará conta de cada uma delas quando morrer (Maia, 2013, p. 69).

Mesmo ciente das exigências do sistema, Edgar tenta fazer seu trabalho da melhor forma possível, sem se incomodar ou questionar o trabalho dos outros, apenas pensando nos animais e cuidando deles da única maneira que consegue, o que mostra a força de sua compaixão.

Diante disso, em *De gados e homens*, Edgar Wilson se destaca por sua sensibilidade e cuidado, principalmente na forma como lida com os animais, mesmo sendo assassino, e vivendo em um ambiente marcado pela violência. Seus gestos, desde o manejo até o abate, mostram que ele tenta agir com responsabilidade e transmitir esses valores, apesar da brutalidade que o cerca. A obra de Ana Paula Maia. Nesse sentido, não apenas retrata a crueldade do cotidiano, mas também mostra momentos de empatia e atenção aos animais, permitindo refletir sobre a relação entre seres humanos e animais e sobre como a sensibilidade pode existir mesmo em meio à violência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar a sensibilidade do protagonista Edgar Wilson em contraste com a brutalidade do seu trabalho no matadouro de animais, no romance *De gados e homens*, de Ana Paula Maia. Isso foi alcançado a partir da leitura atenta da obra, observando as atitudes, pensamentos e sentimentos do personagem, além de sua interação com o ambiente violento em que vive. Isso permitiu compreender como a autora constrói a tensão entre humanidade e brutalidade e também entre noções de bem e mal.

Ao analisar Edgar Wilson, percebe-se que, apesar de estar imerso em um contexto de violência extrema, ele apresenta sinais de sensibilidade, como cuidado, introspecção e empatia em relação aos animais e às pessoas ao seu redor. Essa sensibilidade é real e está de acordo com as reflexões de Maciel (2008, 2021, 2023) e Vigarello (2016), que discutem a coexistência entre comportamentos humanos e aspectos de animalidade, mostrando que mesmo em ambientes cruéis, a humanidade ainda pode se manifestar.

A metodologia e o material bibliográfico foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Além das obras de Vigarello e Maciel, os referenciais de Durão (2015), Gil (2002) e Pinheiro (2011) forneceram orientações importantes para conduzir a análise, garantindo que o estudo fosse consistente e bem fundamentado metodologicamente.

A análise do personagem no contexto do matadouro revelou que Edgar Wilson é, ao mesmo tempo, agente da violência e vítima dela. Ele sofre impactos emocionais e morais, aproximando-se das experiências dos próprios animais que atordoa e abate, o que evidencia a complexidade de sua vivência e o dilema humano frente à desumanização.

A pesquisa contribui para os estudos literários e culturais ao aprofundar a compreensão sobre a representação da sensibilidade e da brutalidade na literatura contemporânea brasileira. Também traz reflexões relevantes para a formação de professores de Língua Portuguesa, mostrando como a análise literária pode ajudar a entender comportamentos humanos e questões sociais complexas.

Entre as limitações do estudo, destaca-se que a pesquisa se concentrou apenas na análise do personagem Edgar Wilson dentro do contexto do matadouro, sem explorar outros personagens ou cenários do romance que poderiam oferecer novas perspectivas sobre violência e sensibilidade.

Para futuras pesquisas, seria interessante investigar outros recortes da obra, como a experiência de diferentes personagens ou a relação entre violência e sociedade rural brasileira, ampliando a compreensão sobre o tema e enriquecendo o debate sobre sensibilidade e brutalidade na literatura.

Em conclusão, Edgar Wilson representa a tensão entre sensibilidade e brutalidade, mostrando a complexidade do humano em situações de desumanização. A obra de Ana Paula Maia nos convida a refletir sobre a condição humana e suas relações com o sofrimento, oferecendo contribuições valiosas para a literatura contemporânea e para os estudos culturais no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABIB, José Antônio Damásio. **Sensibilidade, felicidade e cultura. Temas em Psicologia**, v. 18, n. 2, p. 283-293, 2010. ISSN 1413-389X.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 1. ed. Lisboa: Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Porto: Lugan & Genelioux, 1890.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1974.

BOSI, Antônio de Pádua. **Dos açougues aos frigoríficos: uma história social do trabalho na produção de carne**, 1750 a 1950. *Revista de História Regional*, v. 19, n. 1, p. 83–103, 2014. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr> Acesso em: 31 out. 2025.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; GOMES, Paulo Emílio Sales; PRADO, Décio de Almeida. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários**. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 31, especial, p. 377-390, 2015.

FRANCO JUNIOR, Arnaldo. **Operadores de leitura da narrativa**. In: _____. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 4. ed. Maringá: Eduem, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002. ISBN 85-224-3169-8.

MACIEL, M. E. **Animalidades: zooliteratura e os limites do humano**. 1. ed. São Paulo: Instante, 2023.

MACIEL, M. E. **Literatura e animalidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

MACIEL, M. E. **O animal escrito: um olhar sobre a zooliteratura contemporânea**. São Paulo: Lumme Editor, 2008.

MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

PINHEIRO, Hélder (org.). **Pesquisa em literatura: atitudes e procedimentos**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011. 184 p. ISBN 85-89254-06-2.

VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si: história da percepção do corpo, séculos XVI–XX**. Tradução de Francisco Moras. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e à Nossa Senhora Aparecida, por me concederem força, sabedoria e proteção durante toda esta caminhada. Sem a presença divina, nada disso seria possível. Expresso minha profunda gratidão à minha orientadora, Dr^a. Francisca Laila, por toda a dedicação, paciência e companheirismo ao longo deste percurso. Sua orientação sensível e comprometida foi essencial para o desenvolvimento deste trabalho, e cada conselho foi um aprendizado valioso.

Agradeço também à banca examinadora, composta por Dr^a. Annie Tarsis e Me. José Romerito, pela disponibilidade, atenção e pelas contribuições enriquecedoras, que certamente colaboraram para o aprimoramento desta pesquisa. Estendo meus agradecimentos a todos os professores que me acompanharam durante a graduação, que, com empenho e amor pela docência, contribuíram para a construção do meu conhecimento. Cada ensinamento, cada conversa e cada troca de experiência deixaram marcas importantes na minha formação.

Sou profundamente grata por ter tido a oportunidade de estudar em uma universidade rica em profissionais maravilhosos, que ampliaram o meu horizonte e me ajudaram a enxergar o mundo com outros olhos. Hoje, ao concluir essa etapa, percebo que saio da universidade não apenas mais madura em idade, mas também em pensamento, posicionamento e conhecimento. Além de estar me formando como professora, também me formei como pessoa. Cada aprendizado vivido dentro da universidade contribuiu para transformar minha visão de mundo e fortalecer a mulher que me tornei. Posso dizer que o conhecimento adquirido mudou minha vida e minha maneira de pensar, especialmente sobre o papel da mulher na sociedade.

Deixo ainda minha gratidão a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória desde o ensino fundamental e Médio, pois foram eles que despertaram em mim o amor pelo conhecimento e o desejo de seguir o caminho da educação. Foram exemplos de dedicação, paciência e inspiração, e cada um, à sua maneira, deixou uma marca importante na minha trajetória. À minha família, registro meu carinho e gratidão: à minha mãe, Dange Pereira, e ao meu pai, Jisuino Ferreira, pelo amor incondicional e incentivo constante; e ao meu esposo, Ricardo Gomes, pelo apoio, compreensão e presença em todos os momentos.

A todos que estiveram comigo nessa trajetória universitária, deixo meu sincero agradecimento, em especial às minhas colegas e amigas Jhennfer Targino (minha dupla dinâmica), Joseilma Pinheiro, Maria Adna, Joyce Priscila, Creuza Gabriely, Expedita Maria, Aparecida Adla e ao colega Carlos Mateus, pela parceria, amizade e companheirismo que tornaram o caminho mais leve e repleto de aprendizado. Agradeço ainda aos meus amigos de fora da universidade, que sempre acreditaram em mim e me incentivaram com palavras de apoio e encorajamento. Em muitos momentos, foram essas demonstrações de carinho que me fizeram sentir capaz de continuar.

Agradeço profundamente a mim mesma, por ter persistido e acreditado, mesmo nos dias difíceis. Apesar dos desafios, nunca pensei em desistir. Segui sempre com o pensamento voltado para o futuro e com a convicção de que a educação é a ferramenta mais poderosa para transformar a realidade e o mundo. Sinto orgulho de, sendo ainda jovem, compreender a importância desse caminho e escolher segui-lo com determinação. Agradeço também às pessoas que não acreditaram em mim, pois, de certa forma, serviram como motivação para que eu continuasse firme e mostrasse que sou capaz. Cada dúvida alheia se transformou em força, e cada obstáculo, em aprendizado. Por fim, renovo meu agradecimento a Deus, por todas as oportunidades, pela luz nos dias difíceis e pela alegria das conquistas.